

Nº 2
ANO 03
VOLUME II
Agosto
2001



Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

RABECAS

&

RABEQUEIROS

Construtor: Sérgio Paulo de Moura (RN)



Cícero Carlos (RN)



Missionário Pedro Velho (RN)

Luisório Rocha Machado

O uso de instrumentos de cordas friccionadas com um arco era desconhecido na Europa até a chegada dos árabes, que introduziram o rabab (ou rebab), instrumento em forma de pêra, coberto com couro, que mais tarde foi substituído por um tampo de madeira.

(Cont.)

Rabeca de Damião Rodrigues de Araújo
Currais Novos (RN)

Esses instrumentos não tinham formato padronizado, variando de nome, dimensão e número de cordas. As informações, não muito precisas, se baseiam em registros pictóricos. Através desses registros podemos observar os instrumentos sendo apoiados no joelho ou no ombro por seus executantes, possibilitando também constatar o número de cordas, que variam entre duas, três ou quatro.

A rabeca, como nós conhecemos hoje, surge no período renascentista, tendo evoluído por toda a Idade Média. Com a

caixa acústica em forma de oito para facilitar o uso do arco e com braço separado do corpo, os cavaletes não eram curvos, permitindo a execução em duas cordas simultaneamente produzindo acordes. Muitos instrumentos eram enfeitados por jóias, personalizados ao gosto do seu executante. Ao arco, feito de madeira, eram presas crinas de cavalo em suas

extremidades sendo sua afinação extremamente variável.

Foi durante a colonização portuguesa que a rabeca chegou ao Brasil. Em todas as regiões há registros de uso desse instrumento, até mesmo entre os índios guaranis em São Paulo.

Até princípios do século XIX, no Brasil, o violino, como em Portugal, também era chamado de rabeca. Observamos isso nas partituras de Pe. José Maurício N. Garcia e de outros compositores seus contemporâneos.

No Brasil, este instrumento apresenta formatos e tamanhos diversos. Sua afinação varia de instrumentista para instrumentista. É muito comum afiná-los em quintas (Mi, Lá, Ré, Sol, Lá, Ré, Sol, Dó).

Em intervalos mistos descendentes (3º, 4º e 5º, Dó sustenido, Lá

Mi, Lá).

Basicamente existem três categorias de *rabequeiros* ou *rabequistas* como também são chamados esses tocadores. A primeira categoria é composta por *rabequeiros repentistas*.

Os repentistas são poetas que improvisam versos e em cantorias travam desafios. O cineasta Rosemberg Cariry filmou *Cego Oliveira rabeca e cantoria*, a vida de Pedro Oliveira e Silva, o *Cego Oliveira* (Ce), um dos maiores repentistas do nordeste. No Rio Grande do Norte o mais famoso rabequeiro poeta repentista foi *Fabião das Queimadas*, nascido em 1848 no atual município de Lagoa de Velhos. Fabião viveu oitenta anos e com o dinheiro que ganhava tocando rabeca conseguiu comprar sua própria carta de alforria, a de

sua mãe e de uma sobrinha com a qual casou. Alguns de seus poemas foram documentados por Luís da Câmara Cascudo em contatos com Fabião na sua residência, onde ele se apresentava para amigos do grande escritor. Seu romance *O boi da mão de pau* foi recriado por Ariano Suassuna e musicado por Antônio Carlos Nóbrega, estando gravado no CD *Nação Potiguar - 1999*. A segunda categoria de rabequeiro é aquela que reúne os instrumentistas dos folguedos, rituais e festas populares, como Boi de Reis, cantadores de Romarias, Inçelências, Pastoris. No Estado do Rio Grande do Norte identificamos mais

Nelson dos Santos
Marechal Deodoro (AL)

série de peças para várias rabecas de diferentes afinações. O seu disco compacto *Mexericos da rabeca* é um clássico no gênero, sendo o grande charme a utilização da rabeca construída por Nelson dos Santos (Al). Antônio Carlos Nóbrega utilizou bastante este instrumento quando era integrante do Quinteto Armorial nos anos setenta e hoje a rabeca quase sempre aparece em seus espetáculos. O Mestre Ambrósio (Pe) também utiliza a rabeca com uma performance irrepreensível do músico Siba Veloso. Em Campinas, o grupo *Anima* pesquisa e recria a música de tradição oral, em especial a música brasileira. Também em Campinas se localiza no cenário nacional utilizando rabecas o *Carcoarco*. O trio é formado por Esdras Rodrigues, doutor em violino e

professor na UNICAMP, Luiz Fiaminghi, que estudou violino barroco em Rotterdam e Utrecht na Holanda e o percussionista Magrão Roberto Peres, que executa instrumentos feitos a partir da cerâmica. O trio funde o choro tradicional com outros ritmos brasileiros como o xote, maracatu e o baião. O violeiro Roberto Corrêa (Mg), no CD *Crisálida*, inclui também o uso da sonoridade maravilhosa da rabeca em alguns de seus arranjos.

A tradição da rabeca permanece viva no Brasil nas mãos de artesãos dedicados como o senhor Nelson dos Santos, o *Nelson da Rabeca*, morador do vilarejo de Taquanduba em Marechal Deodoro (Al). Seu Nelson conta que começou a fabricar rabecas após ver e ouvir um violino na televisão. Este trabalho

Rabeca de José Antonio de Sena
Nova Cruz (RN)



despretensioso é referência para pesquisas acadêmicas no Brasil e no exterior. Recentemente um grupo de alunos concluintes do curso de comunicação social da UFAL lançou o vídeo *Árvores que viram música*, que conta a sua história. Podemos citar ainda o mestre Manuel Pitunga da cidade de Ferreiro (Pe), que além de ser um grande rabequeiro constrói as rabecas utilizadas por vários artistas.

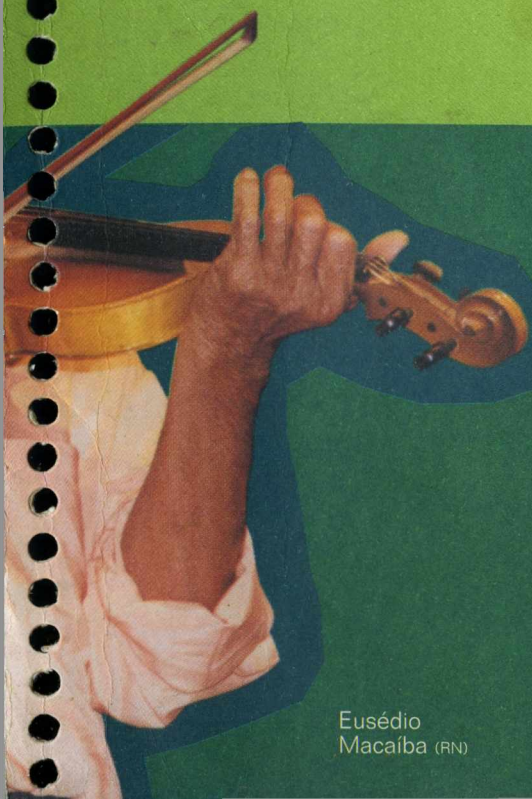
Galante
Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
Luismário Rocha Machado
Violista da Orquestra Sinfônica - RN

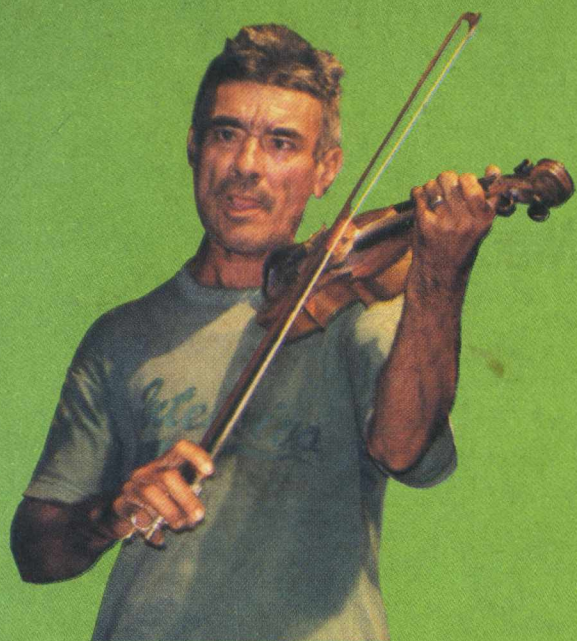
Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO



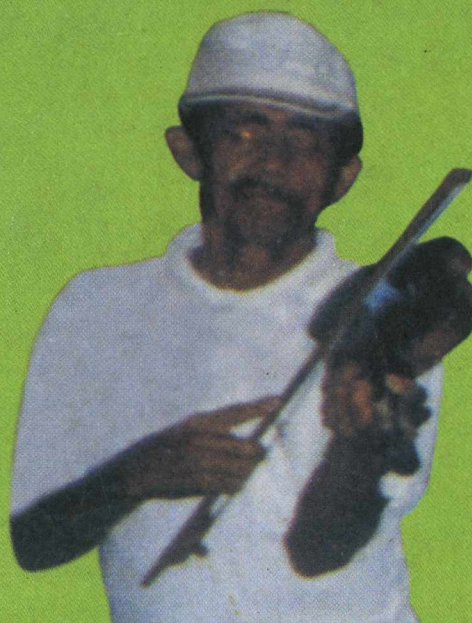
Eusébio
Macaíba (RN)



Zé Oliveira
Ceará/UFRN



Zé André - Monte Alegre (RN)

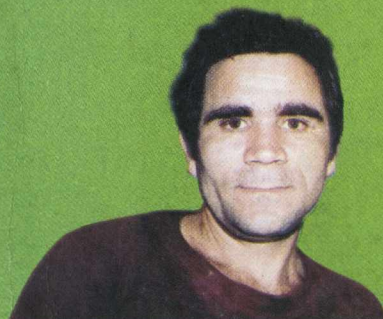


Mestre Paulo - Tibau do Sul (RN)



Fabião das Queimadas (RN)

Foto: Anônima



Damião Medeiros de Araújo
Currais Novos (RN) - CONSTRUTOR



José Antonio de Sena
Nova Cruz (RN) - CONSTRUTOR

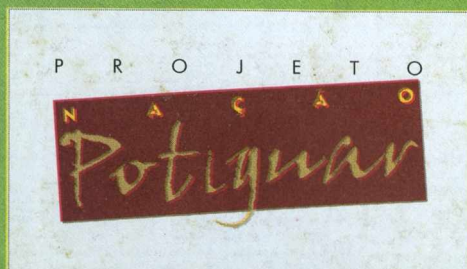


Sérgio Paulo de Moura
Mossoró (RN) - CONSTRUTOR

O maior instrumentista rabequeiro, em atividade no Brasil, é o mestre Salustiano (Pe). Exímio compositor de Maracatu, lidera o grupo que ele mesmo criou, *O Sonho da Rabeca*, apresentando-se dentro ou fora do país. Seu espetáculo em Cuba foi consagrador. Seu filho, Maciel Salú, também rabequeiro, atua como solista no grupo *Griaal de Dança* (Pe); na banda *Chão e Chinelo* (Pe), tendo feito uma antológica participação na faixa *São Severino Mártir*, padroeiro de Timbaúba dos Batistas (RN), no CD *Canto do Seridó* de Elino Julião (RN), produzido pelo Projeto Nação Potiguar. Ainda tocadores em plena atividade, poderíamos ressaltar Antúlio Madureira (RN), Aglaia Costa (Pe) do *Quarteto Romançal*, liderado por Antônio José Madureira (RN); Luismário Machado (Pb), em experiências na *Orquestra Igapó* (RN) e no seu recém-formado grupo *Mistérios da Rabeca*; o portador de deficiência visual, Zé Oliveira (Ce), filho do artisticamente conhecido Cego Oliveira, ambos com um CD editado pela coleção *Memória do Povo Cearense* e Zé Gomes (Sp), que atua com Renato Teixeira. Construtores atívisimos: José Antonio de Sena (Nova Cruz, RN), Damião Rodrigues de Araújo (Currais Novos, RN) e Sérgio Paulo de Moura (Mossoró, RN).

É importante fixar a contribuição que deu o Cego Aderaldo (Ce), o grande Zé Coco do Riachão (Mg) no confeccionamento de rabeças, assim como Mestre Gasosa (Pb), registrado no *Rabeca* e o *Cavalo Marinho de Bayeux* - Pb, dissertação de mestrado defendida na UFRJ pela violista da Orquestra Sinfônica do RN, Ana Cristina Perazzo da Nóbrega.

dg



Oficina de rabeças - Pedro Velho (RN)

